



UFRGS

PROFESSORES EMÉRITOS

MEMÓRIAS E HISTÓRIA





UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

ODAIR PERUGINI DE CASTRO



Entrevista realizada em maio de 2013. Foto: Acervo UFRGS

2012

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

252

AOS 91 ANOS, CANALIZA SUA ENERGIA PARA AJUDAR A TERCEIRA IDADE A VIVER COM ALEGRIA

“Trabalhamos para que o velho reconstrua a identidade, porque ele não tem mais aquela que teve: foi pai ou mãe, irmão ou irmã, amigo e parente de alguém e, de repente, todo mundo se foi e ficou velho e sozinho.”

Foi jogadora de voleibol, professora, filósofa, orientadora educacional, pedagoga, psicóloga e coordenadora da UNITI (Universidade para a Terceira Idade). Ao longo de sua vida profissional, Odaír Perugini de Castro desempenhou diversas atividades e atuou em diferentes campos nos quais sempre privilegiou o coletivo. A menina pobre que veio com a família de Uruguaiana para Porto Alegre aos oito anos de idade nunca deixou de estudar e se dedicou ao máximo para melhorar sua situação e ajudar outras pessoas.

Morar perto de uma pracinha de esportes e gostar muito de ir lá fez com que aprendesse a jogar voleibol, o que a levou a participar de vários campeonatos estaduais e brasileiros. A necessidade de ajudar a mãe e o seu gosto por esportes foram fundamentais para sua de-

cisão de estudar na antiga Escola Superior de Educação Física (ESEF). Ela sabia que o aluno que atingisse a melhor colocação em todo o curso poderia ser nomeado para algum colégio estadual. Conseguiu a colocação e a nomeação, inclusive para a própria ESEF – à época vinculada ao Estado do Rio Grande do Sul – onde lecionou por um tempo. Odaír já trabalhava desde sua formatura na Escola Normal do Instituto de Educação, em 1940. Logo após receber o diploma de normalista, com 18 anos, foi para a cidade de Jaguarão atuar como alfabetizadora. “Voltei para a capital porque sempre fui muito inquieta e em seguida resolvi fazer o curso de Educação Física, onde tirei o primeiro lugar”, explica.

Era professora da ESEF quando resolveu cursar Pedagogia “porque sempre queria agregar conhecimento, ser mais, me tornar melhor”. Na época a Pedagogia estava na moda e, depois de concluí-la, fez

1970

PASSA A FAZER PARTE DO QUADRO DOCENTE DA UNIVERSIDADE COM A INCORPORAÇÃO DA ENTÃO AUTÔNOMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PELA INSTITUIÇÃO

1973

MINISTRA A PRIMEIRA AULA DO CURSO DE PSICOLOGIA

253

pós-graduação em Orientação Educacional, ambos pela UFRGS. “Acho que é aí que começa a minha caminhada com grupos, com coletivos”, comenta. Naquela época a orientação educacional era necessária nas escolas e as profissionais da área eram muito requisitadas. Por isso, o número era cada vez maior o que fez Odair refletir sobre a situação. “Um dia eu disse: mas tem tanto orientador educacional por aí, que vou fundar uma associação, então convidei um grupo e fundamos uma associação que até hoje funciona.” Sua vontade de aprender e de crescer ainda não diminuiu e logo voltou a ser universitária, desta vez do curso de Filosofia. Sempre na mesma instituição. “Para ver que a minha ligação com a Universidade é muito antiga. Quando recebi o título de Emérita eu falei que a UFRGS para mim é um caso de amor.”

Com três diplomas de graduação na bagagem e já tendo assumido pela primeira vez o cargo de chefe de Departamento, Odair foi para Brasília cursar mestrado e utilizou o

período para fazer, também, a faculdade de Psicologia, pois conseguiu o aproveitamento de diversas disciplinas dos cursos anteriores. Morou no Distrito Federal durante três anos (1966 a 1968) e não conseguiu concluir o pós-graduação porque “deu um problema com o meu orientador, que era italiano”. Chegou, inclusive, a lecionar na Universidade de Brasília como professora colaboradora, mas não quis ficar lá porque considerava que sua vida estava aqui no sul.

A criação do curso de Psicologia na UFRGS. Este foi o melhor momento de sua longa vivência na instituição, afirma a professora. Ela ressalta, porém, que talvez quando estava vivendo essa experiência não tivesse exatamente essa opinião, pois foi um processo bem complicado. Em seu último mandato como chefe do Departamento de Psicologia – então vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – recebeu a determinação de parte da comissão de carreira para sua implantação. Como não tinham sido consultados ou sequer avisados com antecedência dessa possibilidade, a decisão assustou os docentes da área. “Nós éramos três ou quatro professores e havia um monte de disciplinas para dar. Tínhamos que providenciar de qualquer jeito e o fizemos.” Esse grupo pequeno foi fazendo o que podia,

o que incluía cada um deles lecionar mais de uma disciplina, “em alguns casos até sem muita competência para fazê-lo, porque nem todos tinham formação para dar um curso de Metodologia da Pesquisa, por exemplo, porque é especializado”. O primeiro ano (1973) foi mais pesado, mas ao longo do período a chefe de Departamento e coordenadora do processo, Odair Perugini de Castro, foi tratando dos concursos necessários para os semestres seguintes.

Alguns profissionais foram convidados para suprir carências específicas, com a aprovação do reitor Homero Jobim, que apoiou todas as iniciativas em prol da Psicologia. Dentre os que vieram para cá convidados estão docentes como Marta Brizio e José Luiz Caon. Um ano depois de sua fundação, já tinha grupos de pesquisa e dava início a uma trajetória de crescimento contínuo. “Hoje o curso é um dos primeiros do Brasil e eu digo ao César Augusto Piccinini (diretor do Instituto em 2013), que foi meu aluno, ‘não te vangloreia muito, porque a semente é que foi bem plantada, mas vocês continuaram bem’.”

Sua ligação com a Psicologia vem desde os tempos em que lecionava na ESEF e se deu – em sua opinião – porque sempre se vinculou muito ao ser humano. Conta que

quando dava aula de Educação Física nos colégios Nossa Senhora da Glória e Rui Barbosa, notava que as gurias reclamavam porque tinham que usar um calção comprido para as atividades. Elas acabavam faltando a muitas aulas e levando muitos atestados médicos para não ter que passar por aquilo. Isso a fez refletir e buscar entender porque as pessoas reagem dessa maneira e costumam ter problemas históricos com o próprio corpo. Segundo Odair, para o adolescente é uma questão complicada porque seu corpo está mudando muito, para o adulto porque há muita cobrança social sobre e depois para o velho, porque a velhice começa no corpo: as primeiras coisas que aparecem são as perdas muscular, óssea e a de força. “Então, tem nexos nessa minha preocupação daquela época: por que essas gurias fogem, se é bom cuidar do corpo? Acho que esse é o marco que me despertou para a Psicologia, para ter um conhecimento maior e tentar ajudar como tenho ajudado, tenho certeza disso.”

1974

É CRIADO O GRUPO DE PESQUISAS COGNITIVAS QUE NO ANO SEGUINTE É TRANSFORMADO NO ATUAL LABORATÓRIO DE ESTUDOS COGNITIVOS

1976

É APROVADA A SUA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO PROGRAMA DE PSICOLOGIA PREVENTIVA APLICADA À COMUNIDADE

254

1977

O PROFESSOR LUIZ OSVALDO LEITE SOLICITA O RECONHECIMENTO DO CURSO DE PSICOLOGIA. NO MESMO ANO, OCORRE A CRIAÇÃO DO NAPE (NÚCLEO DE ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA AO ESTUDANTE), QUE FUNCIONA EM CARÁTER EXPERIMENTAL ATÉ O ANO SEGUINTE, QUANDO PASSA A SER DEFINITIVO

255

O problema do corpo é um ponto que merece destaque também na UNITI e apesar das sucessivas tentativas para que seja superado ou minimizado, ainda não houve grande avanço. A sua idealizadora explica que a Universidade para a Terceira Idade não tem professores. Ao grande grupo de cerca de 110 pessoas é oferecida uma série de subprojetos que são coordenados por algumas das próprias integrantes. As pessoas matriculadas têm várias opções e escolhem aquelas com as quais têm mais afinidade ou se encaixam melhor no seu horário disponível. Todo projeto tem a liberdade de direção, de como fazer as coisas, desde que siga o tema geral estipulado para o semestre. Segundo Odair, a UNITI chegou a ter doze subprojetos, “mas o ‘corpo’ é um que, em geral, não vai adiante” porque há uma grande dificuldade para aceitá-lo quando se envelhece. “Tivemos várias atividades vinculadas ao corpo – como teatro – mas os subprojetos mais expressivos nesse sentido sempre implodem. É uma característica, porque a velhice assusta. Além disso, a mídia explora muito o outro lado, assim como a

publicidade, na qual os velhos aparecem muito bem dispostos, fazendo ginástica, levantando as pernas como se fossem capazes de fazer tudo como quando tinham 35 anos.”

A decisão de implantar um projeto com atividades permanentes para a parcela da comunidade que tem mais de 65 anos de idade surgiu logo após os professores Odair Perugini de Castro e Luiz Osvaldo Leite regressarem de um curso de especialização que fizeram em San Diego, Califórnia (EUA). De volta a Porto Alegre, ela recebeu o convite para falar sobre Psicologia num programa social que havia no Colégio Bom Conselho. A iniciativa era de duas senhoras da comunidade, que estavam interessadas em participar do Curso de Atualização para Mulheres, e convidavam profissionais da Sociologia, Filosofia e Psicologia para falar às 250 inscritas. Ela aceitou, mesmo sem experiência, e diz que foi aprendendo, inclusive a envelhecer. Quando o programa foi encerrado, Odair pensou em transportar a ideia para a UFRGS e, no segundo semestre de 1990, o projeto foi inaugurado como um curso de extensão. “Quando divulgamos, se inscreveram mais de 200 mulheres e não tínhamos onde colocar tanta gente, então realizamos a atividade em um grande salão e

depois dividimos o grupo em turmas que tinham aulas em dois dias diferentes. Daí ficou impossível, porque não tínhamos condições de funcionar em dois dias, pois não havia gente para isso, por isso decidimos limitar o grupo a um número bem menor de pessoas e atualmente fica entre 100 e 150 participantes.”

A receita para o sucesso da iniciativa está no fato de que se renova a cada semestre e também na sua mensagem que contém expectativa de bem-estar e de vida boa. “Trabalhamos para que o velho reconstrua a identidade, porque ele não tem mais as referências que teve: foi pai ou mãe, irmão ou irmã, amigo e parente de alguém e, de repente, todo mundo se foi e ficou velho e sozinho.” Apesar de não ser o foco da proposta, a coordenação pode convidar algum profissional para conversar com o grupo, se o tema for muito relevante e assim o exigir para que algo novo seja acrescentado ao debate ou sirva como mobilizador. Em geral, no entanto, os projetos são desenvolvidos pelas próprias integrantes. “Nós temos um projeto muito bom, que é o cine-debate, em que elas escolhem um filme, estudam tudo sobre a história, direção, personagens e elenco e, depois de assisti-lo, debatem o que viram e levam ao grande grupo”, comenta a professora. O

projeto de cultura também é considerado muito bom, pois as mulheres vão a exposições e fazem pequenas viagens a locais tradicionais, históricos. Odair salienta, também, o que é chamado de “Longevidade criativa” e que tem relação direta com a proposta por mostrar que para envelhecer saudavelmente é preciso ser criativo. “O longo pode ser criativo em tudo, até em coisas simples do cotidiano, como na hora de comprar um tomate, encontrando um lugar onde ele é mais bonito e mais barato.”

Em sua opinião, havia uma demanda de propostas nesse sentido e a contribuição da UNITI para a sociedade tem sido muito grande. Outro aspecto importante da atividade é seu efeito multiplicador. A grande maioria das mulheres volta para a comunidade e faz trabalho voluntário, seja nos hospitais ou em casas geriátricas, cantando ou contando histórias para doentes, esquecidos ou excluídos.

1979

O CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO RECONHECE O CURSO DE PSICOLOGIA DA UFRGS. NO MESMO ANO, É CRIADA A CLÍNICA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

256

1991

TOMANDO POR BASE SUA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA DO CURSO DE ATUALIZAÇÃO PARA MULHERES (DO COLÉGIO BOM CONSELHO), CRIA E PASSA A COORDENAR A UNITI (UNIVERSIDADE PARA A TERCEIRA IDADE)

2009

É UMA DAS 75 PESSOAS HOMENAGEADAS NA SOLENIDADE DO 75º ANIVERSÁRIO DA UNIVERSIDADE

257

A equipe coordenadora já publicou quatro livros sobre a experiência da UNITI e está juntando material das integrantes para pesquisa e quer que a quinta obra seja o livro delas. “Nós só vamos orientar, usando todo o material que já recolhemos.” A professora conta que um dia fizeram a pergunta: ‘é o velho um perdedor?’ e a riqueza das respostas foi fantástica. “A maioria diz que não é perdedor, mas não é a totalidade. Elas falam e justificam ‘nós perdemos coisas, mas construímos outras e ganhamos umas também’ e falam muitas coisas.” Uma das suas maiores satisfações é saber que esse projeto tão bonito ao qual dedicou os últimos 23 anos agora está sendo reconhecido pela instituição, em especial o reitor Carlos Alexandre Netto.

De todos os cargos e funções que teve e ainda tem, o que Odair mais gostou de fazer foi lecionar, embora seja também pesquisadora. A doutora em Pedagogia diz que sempre foi muito próxima do aluno. Nesse sentido pode-se dizer que era uma educadora que sabia transmitir e nunca deixava de estudar e foi paraninfa em diversas oportunidades e homenageada por quase todas as turmas. Por isso, quando alguém lhe pergunta o que ela é sempre responde: ‘sou professora’ ,

porque esse é o título que considera mais importante. Em termos de gratificação pessoal coloca no mesmo patamar a criação do curso de Psicologia e a da UNITI. O mais relevante em ambos os casos foi o desafio, mas não por si mesmo e sim pelas ações que eles determinaram.

Sente um grande orgulho quando um ex-aluno seu torna-se docente e começa a galgar postos na UFRGS, como ocorreu, por exemplo, com Cleci Maraschin, Liliane Froeming e César Augusto Piccinini. Os momentos de maior felicidade de sua vida têm relação com as demonstrações de respeito e carinho que recebeu. “Quando a Universidade fez 75 anos eu fui uma das 75 pessoas escolhidas e homenageadas. Aquilo me emocionou e estimulou muito porque é um reconhecimento e agora, bem recentemente, em novembro do ano passado (2012), o título de Emérita que – confesso – jamais imaginei que poderia ser contemplada com ele.”

Ainda na ativa e sem planos de parar, a polivalente Odair Perugini de Castro comenta que viveu e vive intensamente tudo o que fez na Universidade. Trabalhou “sempre com muito amor, com gosto e com uma entrega total em termos profissionais”.



Foto: Museu da UFRGS / Acervo

A PROFESSORA PARTICIPOU DA CRIAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE, CUJA SEDE ERA O PRÉDIO DO CICLO BÁSICO – QUE ATUALMENTE ABRIGA O INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS